
A ORGANIZAÇÃO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS EM BOSTON, EUA

TERESA SALES

Resumo: O artigo trata do avanço do nível organizativo dos migrantes brasileiros na região metropolitana de Boston, nos Estados Unidos. Baseando-se em uma pesquisa realizada em outubro de 2005, é feito um histórico das várias organizações criadas pelos migrantes brasileiros entre 1995 e 2005, nas cidades de Framingham, Boston, Somerville e Cambridge. A conclusão é a de que os brasileiros avançaram mais em sua organização política – em consequência da bagagem cultural que alguns líderes levaram consigo do Brasil – do que no setor de serviços.

Palavras-chave: Migração internacional. Imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América.

Abstract: This paper discusses the progress of the Brazilian migrants' organization in the metropolitan area of Boston, in the United States. Based on a research done in October of 2005, it presents several organizations created by the Brazilian migrants between 1995 and 2005, in the cities of Framingham, Boston, Somerville and Cambridge. It concludes that the Brazilians improved their political organization, as a consequence of the cultural background of some leaders, than in the service sector.

Key words: International migration, Brazilian immigrants in the United States of America.

Por que os brasileiros imigrantes nos Estados Unidos têm tido uma presença marcante na nossa mídia desde finais de 2004? Como acontece desde o início do fluxo migratório de brasileiros para o exterior, em meados dos anos 80, a imprensa brasileira costuma dar mais cobertura aos fatos negativos dessa migração,¹ que estiveram muito presentes ultimamente: aumento da apreensão de brasileiros na fronteira México-Estados Unidos; prisões e deportações de brasileiros; o caso da morte do brasileiro Jean Charles, pela Scotland Yard, em Londres; e, como exceção para confirmar a regra, o aumento das remessas financeiras dos brasileiros no exterior.

Houve porém um fato novo na mídia que se somou a esses para dar maior visibilidade aos nossos brasileiros longe de casa: a novela *América*, exibida no horário de maior

audiência da Rede Globo de Televisão. No início da novela, vários jornais deram destaque a essa situação. O Caderno Aliás, do jornal *O Estado de S.Paulo* de 20 de março de 2005, trouxe o tema *Vidas brazucas*, apresentando uma entrevista comigo e um artigo de Dorrit Harazim sobre a epopéia de um mineiro acusado de estupro e a prisão de 57 brasileiros ilegais. Entre os vários assuntos abordados na entrevista, respondendo à pergunta sobre possíveis efeitos da novela, mencionei que isso dependeria em parte do enfoque adotado, mas, quando as pessoas estão propensas a emigrar, qualquer estímulo serve como reforço. E acrescentava:

como já existe uma predisposição na sociedade brasileira, é possível que a novela seja um fator de estímulo, mesmo mostrando os riscos da travessia, as dificuldades de adaptação, etc.

Cerca de dois meses após o início da novela, o jornal *Folha de S.Paulo* (5 de maio de 2005) apresentou, na matéria, “Captura de brasileiros nos EUA decuplica”, dados impressionantes:

apenas em abril, 4.802 brasileiros foram detidos em território americano da fronteira com o México – uma incrível média de 160 casos diários, segundo dados fornecidos pela Patrulha da Fronteira a pedido da Folha. O número é mais de dez vezes o registrado no mesmo período do ano passado: 443 casos (15 por dia).

Essa notícia reacendeu o debate em torno da questão migratória de brasileiros para os Estados Unidos em vários meios de comunicação e até no Congresso Nacional, sendo que um representante do Ministério das Relações Exteriores, outro do Ministério da Justiça, Glória Perez – autora da novela *América* – e eu fomos convidados a participar de uma Audiência Pública da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal sobre o tema.

Eu, que já tinha dado por encerrada minha pesquisa com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos depois de escrever um circunstanciado artigo sobre a “Segunda Geração” (SALES; LOUREIRO, 2004), voltei ao tema. Para participar da audiência pública, fiz contato por e-mail com uma rede de lideranças das organizações de brasileiros nos Estados Unidos e retomei contatos, o que me despertou para um novo projeto, de natureza mais jornalística, posto que circunscrito a um curto espaço de tempo. Participei de um *Encontro de Lideranças Brasileiras nos Estados Unidos* em Boston, de 21 a 23 de outubro de 2005, e realizei 13 entrevistas com líderes da comunidade brasileira, visando avaliar a organização dos brasileiros imigrantes dez anos depois da pesquisa de 1995/96, que deu origem à obra *Brasileiros Longe de Casa* (SALES, 1999).

Ao visitar mais uma vez os brasileiros imigrantes na região de Boston, foi possível observar que a visão da imprensa brasileira é muito parcial, no sentido negativo, em relação a nossos imigrantes lá fora. Isso talvez seja decorrência de como a sociedade brasileira encara esses imigrantes: eles ferem a nossa auto-imagem de país acolhedor. Não gostamos de ver nossos cidadãos saindo de casa e sobretudo de ver que muitos deles estão entrando na casa alheia pela porta dos fundos. Contudo, numa perspectiva histórica, é importante lembrar que foi assim também com outros povos que hoje são respeitáveis cidadãos norte-americanos, brasileiros, argentinos, só para citar o continente americano. Ao enfatizar apenas os aspectos

negativos da migração de brasileiros para outros países, a imprensa reforça um estereótipo já existente na sociedade em relação a esses migrantes.

Sem pretender entrar no mérito dessa questão, esse artigo tem o objetivo de fazer uma análise comparativa, entre 1995 e 2005, dos grupos organizados de imigrantes brasileiros, com ênfase no Estado de Massachusetts. Com isso, procura-se mostrar que, para além das prisões e deportações, os brasileiros longe de casa têm construído uma marca de povo trabalhador, solidificando seus vínculos organizativos e caminhando a passos largos para um reconhecimento no seio da sociedade norte-americana, mesmo que isso possa lhe causar uma contra-ofensiva por parte daquela sociedade em algumas localidades, como é o caso da cidade de Framingham.

AS CIDADES IRMÃS

Em 13 de novembro de 1995, caem os primeiros flocos de neve ainda indecisos, que lá eles chamam de flurries. Naquela noite será assinado um acordo de cidades irmãs entre a prefeitura de Framingham e a prefeitura de Santa Luzia, em Minas Gerais. Para isso vieram autoridades de Santa Luzia – o vice-prefeito, o vice-presidente da Câmara dos Vereadores, o diretor do hospital e o médico-chefe do SUS [...] A primeira parte da sessão é toda ela dedicada à troca de discursos, troca de certificados, troca de presentes. Os discursos americanos, curtos e diretos, os brasileiros demorados e cheios de Lyncolns e Washingtons, traduzidos mais sucintamente para o inglês pelo nosso vice-cônsul em Boston. Não sei se pela memória de filmes de infância, aquilo tudo me lembra muito uma cerimônia apache, sobretudo na troca de presentes (SALES, 1999, p. 197-198).

Essa cerimônia, na qual foi assinado o acordo de cidades irmãs (*sister city*), ficou como uma pedra no sapato da comunidade brasileira de Framingham. A idéia partiu do vice-cônsul em Boston. Compareceram pessoas representativas da comunidade, como o pároco da Igreja São Tarcísio, vários comerciantes locais e as imprensas norte-americana e brasileira. A pergunta que ficava no ar era, porém, evidente: em uma cidade com predominância tão grande de imigrantes oriundos de Governador Valadares, por que Santa Luzia? Dois anos depois, em 1997, já o cônsul e o vice-cônsul no Consulado Brasileiro em Boston haviam mudado e a Associação de Cidades Irmãs permanecia apenas como figura jurídica, congregando muito pouca gente entre os brasileiros imigrantes.

Em compensação, começavam a surgir novas organizações, algumas como consequência de campanhas bem-sucedidas e que, ao longo do tempo, terminaram se institucionalizando, como a *Brazilian Children Foundation*, fundada em 1996 por um imigrante oriundo de Ipatinga – município vizinho de Governador Valadares, em Minas Gerais –, cuja missão era dar apoio a crianças necessitadas no Brasil (diga-se, região do entorno de Governador Valadares).² Alguns anos depois, mais uma organização havia sido fundada em Framingham, vinculada à Paróquia de São Tarcísio. Era o Centro Bom Samaritano, sediado em um novo prédio no centro da cidade, com a finalidade principal de dar assistência, em termos de moradia e emprego, aos novos imigrantes. Mais adiante esse novo prédio, o *Arcade*, onde hoje 90% das salas são ocupadas por negócios de brasileiros, voltará à cena.

Minha vinculação a Boston, sobretudo depois que passei um semestre como *visiting scholar* de Harvard em 2000, vem se renovando a cada novo seminário ou outras atividades de que participo, permitindo-me acompanhar o que acontece na comunidade brasileira. Assim, em dezembro daquele ano, fui à inauguração da sede de mais uma organização de brasileiros em Framingham, a *Brazilian American Association* – Bramas, que havia sido fundada em 1998. À frente da sua fundação – juntamente com outros negociantes da cidade – o primeiro presidente da Bramas era um comerciante do centro de Framingham dos mais ativos e com uma história de ascensão social comum aos brasileiros imigrantes na região de Boston: valadarense, imigrante ilegal inicialmente e que trabalhou em vários serviços não qualificados em restaurantes e construção, até se estabelecer com sua loja no centro de Framingham. A Bramas é uma organização sem fins lucrativos, cuja principal missão é organizar os brasileiros para formar uma identidade e ter plena participação na sociedade norte-americana. Em fins de 2004, sob nova direção (de uma valadarense), a associação conseguiu ajuda de estudantes voluntários do Massachusetts Institute of Technology – MIT³, que fizeram uma pesquisa com 400 moradores da região Metrowest para determinar as necessidades da comunidade brasileira. Baseado nessa pesquisa, o conselho da associação sugeriu a criação de vários comitês nas áreas de *business*, saúde, cultura, cidadania, família, educação e jovens.

Ainda em 2004, depois de várias negociações também coordenadas por comerciantes brasileiros do centro de Framingham e ficando comprovado o não cumprimento dos acordos feitos anteriormente com a cidade de Santa

Luzia, foi firmado um novo acordo de Cidades Irmãs entre Framingham e Governador Valadares. Dessa vez, o processo foi conduzido com trâmites mais cuidadosos e precedido da visita de uma comitiva governamental de Framingham a Governador Valadares, resultando em parecer favorável à assinatura do acordo.

O Comitê de Cidades Irmãs – *Sister City Committee* – é dirigido por uma brasileira muito orgulhosa de sua origem valadarense e dona de uma das lojas de destaque na Concord St., principal rua do centro de Framingham. Essa mesma imigrante, em 1995, me contava em sua entrevista sobre o apreço que os poderes públicos daquela cidade tinham pelos brasileiros:

Está vendo as calçadas da rua? As da frente de lojas de brasileiros já estão todas limpas da neve, enquanto as demais estão ainda esperando o serviço público da prefeitura. É por isso que somos muito bem vistos aqui pela prefeitura e pelas pessoas da comunidade.

Naquela época já se sabia, pela imprensa norte-americana, que:

naquele centro da cidade, sinais de decadência estavam por toda parte – lojas vazias, calçadas sujas e pessoas vendendo drogas em esquinas escuras. Então os novos habitantes começaram a chegar em torno da última década, com seus sonhos de uma nova vida. Eles vinham de Porto Rico, Costa Rica, Guatemala e Brasil – especialmente Brasil. Alguns encontraram trabalho como operários de construção, jardineiros e garçons. Outros, tendo juntado algum dinheiro desses empregos, alugaram as lojas vazias, limpavam suas calçadas e, com a sua presença, ajudaram a expulsar os vendedores de drogas. Hoje, o novo centro da cidade, com menos crime e mais lojas, levanta-se como um símbolo palpável da mais recente mudança histórica na demografia de Framingham desde a chegada dos irlandeses que vieram trabalhar na indústria têxtil daquele município [...] Agora são os brasileiros, liderando uma onda de nescomers de outro hemisfério, a forjar uma nova identidade em Framingham para o próximo século (BOSTON GLOBE, 11 dez. 1994).

Ao início de minha pesquisa, em 1995, depois de circular pela primeira vez nas ruas centrais de Framingham, município que tinha então 65 mil habitantes (hoje com 69 mil, segundo dados do *site* sobre a cidade) e de visitar uma loja tipicamente brasileira, assim expressava o impacto que aquilo me causou:

ao sair novamente à rua, apesar do frio de outono daquele final de tarde apressado em escurecer mais cedo, me sinto

brasileirinha da silva. Tão brasileira depois daquela coxinha de galinha e daquele suco de caju, que estranhei quando, na rua, me deparei com dois autênticos nativos conversando em inglês (SALES, 1999, p. 47).

Dez anos depois, os brasileiros estão ainda mais fortes no centro de Framingham, considerada sua Governador Valadares de clima temperado, mas estão pagando um preço muito alto por isso.

AMERICANOS CONTRA BRASILEIROS

Framingham é conhecida por ser a maior *Town* de Massachusetts, – incorporada neste sistema desde 1700 –, pois todas as demais cidades do seu tamanho são constituídas administrativamente como *cities*. As várias tentativas de mudança de regime de governo local de *Town* para *City* nunca prosperaram. Ali se elege não um prefeito, mas sim uma espécie de Conselho de Cidadãos, o *Town Meeting*, que, por sua vez, elege cinco *selectmen*, entre os quais um é escolhido como *town manager*. O *Board of Selectmen* e o *Town Manager* formam o Poder Executivo da cidade e o *Town Meeting* corresponde ao Poder Legislativo. A cidade é dividida em 18 *Precincts* (distritos eleitorais) e existem 12 membros do *Town Meeting* que representam cada distrito, totalizando, portanto, 216 representantes do Poder Legislativo na cidade, com mandato de três anos, sendo que a cada ano quatro são eleitos. Essa forma de governo da cidade difere daquela de uma *Open Town Meeting*, mais semelhante às antigas cidades-estado, em que cada residente pode votar no *Town Meeting*.⁴

Atualmente, dois brasileiros fazem parte do *Town Meeting*. Na mesma ocasião em que esses brasileiros foram eleitos, um cidadão norte-americano, Joe Rizolli, hoje muito conhecido de toda a comunidade brasileira, também se candidatou mas não obteve o número de votos necessários para ser eleito. Quem é esse senhor?

Em finais de 2003, Joe Rizolli, co-fundador do *Concerned Citizens and Friends of Immigration Law Enforcement*, um grupo que se opõe publicamente à imigração ilegal, declarou em uma reunião do *Board of Selectmen* de Framingham que a cidade tem sido “*raped*” pelos imigrantes brasileiros. “*Rape*” significa em português raptar, estuprar, saquear. Nos Estados Unidos, o verbo é mais comumente usado para designar o seu sentido mais duro: estuprar. Outras pessoas do mesmo grupo afirmaram que os imigrantes brasileiros estavam drenando a economia local, ao enviarem mensalmente milhares de dóla-

res de seus salários para o Brasil e ao se beneficiarem dos programas sociais locais.

Em outra ocasião, Joe Rizolli e Jeffrey Buck, ambos co-diretores da referida associação, disseram que estavam apenas preocupados com o fato de os imigrantes ilegais estarem desrespeitando as leis, referindo-se mais aos brasileiros do que a outros grupos imigrantes, porque eles eram o maior grupo de estrangeiros ilegais em Framingham, segundo estimativas da própria comunidade brasileira.⁵

Essa situação inusitada de xenofobia contraria totalmente a matéria do *Boston Globe* de dezembro de 1994, citada anteriormente, na qual os imigrantes brasileiros eram vistos como forjando uma nova identidade em Framingham para o próximo século. Naquela época não se imaginava que, uma década mais tarde, os Estados Unidos estariam sob um governo republicano que abriu espaço para esse e outros tipos de manifestações de intolerância para com os imigrantes. Desde o desencadeamento desse movimento anti-imigrante brasileiro em Framingham, os brasileiros ali residentes têm lidado em seu dia-a-dia com esse fantasma de forças contrárias que estão à espreita em plena luz do dia.

A presidente atual da Bramas não tem dúvida de que esse movimento representa não apenas o pensamento dos dirigentes daquela associação, mas também de uma ampla camada dos habitantes da cidade, sobretudo daqueles residentes no lado norte. Esta região é predominantemente residencial e seus moradores desfrutam de melhor qualidade de vida. A população é constituída, sobretudo, pelos descendentes dos mais antigos moradores locais, com idade média mais avançada do que os demais habitantes (SALES, 1999). Já no lado sul da cidade, estabeleceram-se originalmente as indústrias, seguindo as obras de infraestrutura ao longo dos trilhos da ferrovia. Nesta área, a classe operária passou a morar no início do surto industrial de Framingham, em finais do século 19 até meados do 20. Depois foram os porto-riquenhos e asiáticos que foram morar ali. Essa parte da cidade caracteriza-se pelo predomínio de uma população mais pobre, mais jovem e não americana; é nesse local que mora a maioria dos imigrantes brasileiros.

O clima republicano repressivo que predomina nos Estados Unidos, desde a primeira eleição de George W. Bush e sobretudo depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, é um fator que favorece tais manifestações de xenofobia. A declaração de Bush, de que o objetivo de seu governo é deportar, sem exceção, todas as pessoas que entram ilegalmente no país, foi destacada pela imprensa norte-americana.

O movimento anti-imigração de Framingham não só faz parte desse clima republicano repressivo, como também é consequência da maior visibilidade e organização dos brasileiros imigrantes, o que não acontece em outras cidades da Grande Boston, onde os brasileiros têm também forte presença, mas não aparecem tanto quanto em Framingham. Esse destaque dos imigrantes brasileiros resulta, por sua vez, de dois fatores principais: a organização dos brasileiros imigrantes e a revitalização do centro da cidade e conseqüente revalorização de seus imóveis. É como se os antigos habitantes estivessem a dizer: “vão embora, vocês já cumpriram sua parte, agora queremos o centro da cidade de volta para nós”.

Esses dois fatores estão inter-relacionados, pois a organização dos brasileiros passa também pela sua forte presença enquanto negociantes bem-sucedidos no centro da cidade. Antes mesmo da fundação da Bramas e da Associação de Cidades Irmãs Framingham-Governador Valadares, vários brasileiros já há cerca de uma década, começaram a participar ativamente em outras organizações norte-americanas da localidade, como nas escolas públicas, na *South Middlesex Oportunity Council* – SMOC, na *South Middlesex Area Chamber of Commerce* – SMACC,⁶ e em associações como Rotary, Lyons e Maçonaria. Mais recentemente, como já mencionado, dois brasileiros foram eleitos para o Poder Legislativo da cidade. Numa localidade com mais habitantes, como é o caso do município de Boston, essa presença brasileira ativa não teria tanto destaque quanto em Framingham.

Há atualmente um enorme ruído entre os líderes de comunidade de Framingham: desencontros de informações e intrigas, que poderiam indicar um retrocesso na organização da comunidade. Há relatos sobre pessoas que se desencantaram e abandonaram o trabalho comunitário e de um líder comunitário que simplesmente se desorganizou psicologicamente. Entretanto, se alguns saem do movimento, são muito mais os que entram, os que se mobilizam; afinal, a discórdia nem sempre determina o fracasso, servindo, muitas vezes, para apurar os processos organizativos e definir melhor as lideranças. Foi assim, por exemplo, em relação a uma outra organização de brasileiros de Boston (hoje possivelmente a de maior destaque entre os imigrantes brasileiros da Boston Metropolitana): o Centro do Imigrante Brasileiro.

Quanto ao segundo fator de visibilidade dos imigrantes brasileiros – a revitalização do centro da cidade e conseqüente revalorização dos imóveis ocupados pelos imigrantes –, foram identificadas, na pesquisa de 1995,

31 casas de comércio ou de serviços de brasileiros, a maioria no centro de Framingham: cinco restaurantes; cinco cabeleireiros; quatro lojas de vendas de passagens e transporte; quatro lojas de seguros; quatro de produtos brasileiros e remessas; três oficinas mecânicas; duas joalherias; uma boutique; uma padaria; uma loja de eletrodomésticos; e um escritório de contador. Essa quantificação foi possível, na época, por meio de uma listagem cedida pelo responsável pela distribuição de jornais *brazucas*, que se destinam a todos os locais por onde circulam brasileiros. Para a pesquisa atual, recorreu-se a uma publicação também distribuída gratuitamente nas lojas e outros locais freqüentados por brasileiros. Trata-se de uma lista amarela, a *Brazilian Superlist*, que abrange os Estados de Califórnia, Connecticut, Flórida, Georgia, Massachusetts, New Jersey, New York, Pennsylvania e Outros Estados.⁷

Na *Brazilian Superlist* de 2005 foram identificadas 71 casas de comércio ou de serviços de brasileiros, a maioria também no centro de Framingham; ou seja, nesses últimos dez anos, o número de comércios e serviços de brasileiros mais do que duplicou. Desses estabelecimentos, 40% estão localizados na principal rua do centro de Framingham – a Concord St., onde fica a prefeitura – e 22% em outras ruas igualmente centrais – a Union St. e a Hollis St. Além desse aumento, observou-se também uma maior diversificação nos ramos de atividade.⁸

O edifício *Arcade*, situado num espaço nobre da Concord St., é sede de várias dessas atividades de comércio ou serviços. Com 90% de suas salas alugadas por brasileiros, incluindo consultórios, lojas, sedes de duas das organizações de brasileiros (a Bramas e o Centro Bom Samaritano, que aliás não constam na *Brazilian Superlist*), é um exemplo do processo de valorização dos imóveis no centro de Framingham. Segundo a atual presidente do Bramas, o uso desse edifício irá mudar, sendo ampliado e parcialmente destinado a residências. Os aluguéis atualmente pagos pelos negociantes e profissionais brasileiros, em torno de US\$ 300 por mês, passariam para US\$ 1.400 a US\$ 1.800. A maioria dos atuais brasileiros do *Arcade* certamente não terá recursos para arcar com esse valor e o contrato de locação prevê apenas um aviso de 30 a 60 dias para desocupação das salas. A presidente da Bramas é pessimista quanto à situação não apenas dos brasileiros do *Arcade* mas também de outros negociantes do centro da cidade, pois, segundo ela, esse é o início de um movimento de retomada pelos nativos de seu centro da cidade. Há contudo opiniões contrárias às dela, que afirmam que

o proprietário do prédio tem conversado com os atuais inquilinos, assegurando-lhes prioridade no aluguel das novas salas.

O tempo dirá quem tem razão. Ainda estão faltando estudos que, à semelhança daqueles que mostram a revitalização de centros decadentes e despovoados pelas chamadas “empresas étnicas” dos imigrantes (HALTER, 1995), apresentem agora sua outra face: o processo de retomada, pelos nativos descontentes, dos centros reconstituídos pelos imigrantes, com a justificativa de presença de estrangeiros ilegais em seu território, ou, em outros casos, de uma afirmação étnica de gerações já estabelecidas. A situação não apenas nos Estados Unidos, mas também nos países receptores de imigrantes, entre os quais o caso da França é o exemplo paradigmático, aponta um quadro sombrio para o futuro imediato.

ORGANIZAÇÕES – BALANÇO DE DEZ ANOS

Como a maior parte dos imigrantes que chegam em um país estrangeiro, os brasileiros também procuraram inicialmente, na região de Boston, o conforto das igrejas. Uma das igrejas católicas procurada pelos brasileiros foi a de Santo Antônio, em Cambridge, construída pelos portugueses e com as missas celebradas em português por um dos primeiros padres que chegaram a Boston para atender à comunidade brasileira. Os pastores protestantes de várias denominações, por sua vez, foram chegando, celebrando os cultos em lugares improvisados e, posteriormente, juntando dinheiro da própria comunidade para a construção de suas igrejas. Esse foi o marco inicial da organização dos brasileiros. Além do conforto espiritual, os imigrantes também encontram nas igrejas um espaço de sociabilidade e de ajuda, com indicações para suas demandas mais imediatas de moradia, trabalho, escolas para os filhos e serviços de saúde.

Com o padre brasileiro em Cambridge, as missas passaram a ter um ritual mais moderno e alegre, com as músicas acompanhadas por guitarra e os brasileiros se confraternizando ao final, no salão paroquial, com café e pão de queijo. Entretanto, numa comemoração do 7 de setembro, o padre resolveu fazer uma missa ainda mais festiva e providenciou uma bandeira do Brasil para ser colocada ao lado das outras já existentes de Portugal e dos Estados Unidos. Por infelicidade, a bandeira brasileira era maior do que a portuguesa e isso foi a gota d’água para um certo descontentamento dos portugueses, que constituíam uma comunidade mais velha que não andava satisfeita com as

modernidades do padre brasileiro, interpretando o incidente da bandeira como um sinal de que os brasileiros estavam querendo tomar conta daquela igreja que eles haviam construído com muito esforço.

Porém, esse foi apenas o começo. Logo outros padres foram chegando e descobrindo as igrejas construídas pelos italianos, irlandeses, latinos da América Central e do Sul e foram abrindo mais espaços para suas missas e atividades comunitárias em português. Do lado dos protestantes, um pastor da Igreja Assembléia de Deus tinha construído, em 1993, um enorme templo para 2 mil pessoas, em Somerville; em 1994, outro pastor havia comprado um prédio de três andares de um antigo convento católico dos padres beneditinos, no bairro de Charlestown, em Boston, para instalar a Primeira Igreja Batista Brasileira da Grande Boston.

Nas dependências dessa igreja Batista foi criado, em 1995, o *Brazilian Community Center*, que, com os poucos recursos de um *grant* inicial de US\$ 5,000.00, destinava-se a aulas de inglês e de computação, bem como à distribuição de roupas e alimentos em razão do Natal que se aproximava. Entretanto, os objetivos do centro eram bastante abrangentes e sua inauguração foi pomposa, contando com a presença do cônsul brasileiro e de várias lideranças comunitárias. Esse centro teve porém vida curta, como aconteceu também com uma outra organização que, durante a minha pesquisa em 1995, era muito atuante na região de Boston: o *Brazilian Professional Network*.

Diferentemente das demais, que foram todas iniciativas de brasileiros, essa organização foi fundada por um advogado norte-americano (casado com uma brasileira), tendo porém como público-alvo os brasileiros, sobretudo os emergentes negociantes dos centros de Framingham, de Somerville e dos bairros de Allston e East Boston, em Boston. A principal atividade dessa organização era promover reuniões mensais para tratar de assuntos de interesse da comunidade. Contando sempre com um ou mais expositores convidados, eram abordados temas diversos, tais como promoção de contatos com organizações hispânicas, divulgação dos resultados do Censo Americano de 1990, exposição de uma linha de créditos do BankBoston para imigrantes (quando o então presidente do banco era o brasileiro Henrique Meireles) e promoção de um contato com o deputado federal Joe Kennedy. Esse advogado, que hoje colhe os dividendos desse investimento, é um atuante profissional vinculado aos brasileiros e possui escritórios em Framingham e Boston. No *Brazilian Superlist*, ele dispõe de uma página inteira, onde abaixo de seu nome

está escrito “o advogado dos brasileiros”, citando sua especialidade: acidentes de automóvel, acidentes de pedestres, mordidas de cachorro (sic) e acidentes em geral.

A Bramas, de certa maneira, veio substituir a *Brazilian Professional Network*, pois originou-se entre os negociantes brasileiros de Framingham que tinham presença marcante nas reuniões mensais dessa última organização.

As duas organizações que vi nascer em 1995 e que comemoraram seus dez anos em 2005 foram o Grupo Mulher Brasileira e o Centro do Imigrante Brasileiro, ambos situados no bairro de Allston, em Boston, e com as mesmas pessoas à frente desde então. O Grupo Mulher Brasileira, segundo sua diretora executiva, conseguiu se manter nesse período mas não deu o “pulo do gato”, tal como o Centro do Imigrante Brasileiro, porque não teve ainda condições de ter um pessoal fixo remunerado para desenvolver as atividades, sendo que todo o trabalho é voluntário, com exceção da recente contratação de uma pessoa para trabalhar dez horas por semana, que ficará por dez meses. Apesar de a presidente do grupo ser a única que o frequenta com regularidade, não houve, segundo ela, um afastamento total das participantes, que sempre aparecem em ocasiões especiais, tais como nas palestras e eventos, colaborando quando podem. É um grupo que está sempre presente nos eventos da comunidade e esteve à frente da organização de todos os Festivais da Independência do Brasil, em Boston, desde que este começou, há dez anos.

O contato com as universidades e com estudantes e alguns professores brasileiros vem trazendo benefícios para essas organizações; dentre estas, algumas se beneficiaram desse contato de uma forma mais efetiva, por meio de projetos em parceria com a Universidade de Massachusetts de Lowell. No Centro do Imigrante Brasileiro há um projeto com jovens na área de saúde e segurança no trabalho; e no Grupo Mulher Brasileira é desenvolvido um projeto de formação de uma cooperativa de faxineiras. Essas parcerias propiciam, além da verba para realização dos projetos, também um intercâmbio frutífero da academia com as organizações comunitárias.

O Centro do Imigrante Brasileiro foi concebido, em 1995, por um jovem idealista a partir de sua própria experiência migratória. Tendo chegado a Boston em 1988, seu primeiro emprego foi em uma companhia de limpeza, onde teve problemas trabalhistas e recorreu a uma organização criada para atender aos imigrantes latinos, a *Immigration Work Result Center* – IWRC. Resolveu seu problema na empresa e, a partir daí, passou a fazer traba-

lho voluntário nessa organização. Dessa experiência nasceu a idéia de fundar uma organização para os próprios brasileiros. Com a orientação de uma iraniana (casada com um brasileiro) que fazia parte da IWRC, ele iniciou o Centro do Imigrante Brasileiro, em março de 1995.

Logo depois, em abril do mesmo ano, um outro jovem que tivera problemas trabalhistas na empresa de *landscape*, onde trabalhava, recorreu ao Centro, resolveu seu problema e passou a fazer ali trabalho voluntário. Quando os entrevistei, em finais de 1995, ambos eram igualmente comprometidos com o trabalho e estavam fazendo um curso oferecido pela Universidade de Massachusetts, destinado ao treinamento de líderes comunitários sobre desenvolvimento e leis norte-americanas de imigração. Nessa época, o Centro não tinha sequer uma sede e dispunha apenas de uma mesa e um telefone numa sala onde funcionava uma representação da *Massachusetts Agency for Portuguese Speakers* – MAPS e um curso de inglês para brasileiros, no centro de Allston, um dos bairros de concentração de brasileiros em Boston.

Nessa época, eles contavam com algum dinheiro que haviam arrecadado em uma festa e com uma equipe de advogados norte-americanos que trabalhavam voluntariamente para comunidades imigrantes e podiam ser acionados para os casos difíceis, pois nos mais simples os acordos podiam ser conseguidos por meio de telefonema deles próprios, geralmente em inglês, para um entendimento com o empregador. Ainda sem registro próprio, o Centro conseguiu, em outubro de 1995, o seu primeiro *Grant*, pela intermediação da mesma iraniana que havia dado a mão generosa em sua fundação.

Aos dez anos de existência do Centro do Imigrante Brasileiro, apenas o seu fundador, entre os cinco membros que participavam no início, permanece como diretor executivo. Nesses anos, foram muitas as dissensões, mas também muitos os apoios vindos de todo lado. Hoje o Centro tem uma organização consolidada por um *Board of Directors* de nove membros, um *staff* de seis membros (três trabalhando em tempo integral e três em tempo parcial) e tem recebido suporte financeiro de cerca de doze fundações norte-americanas. Sua missão é a defesa da comunidade brasileira em Massachusetts em questões de educação, direitos trabalhistas – seu principal foco de atuação – e outros direitos do imigrante.

Nesta última pesquisa, entrevistei o diretor executivo de outro Centro com uma missão semelhante à do Centro do Imigrante Brasileiro, de Allston, mas que é mais recente e atende sobretudo à comunidade brasileira da re-

gião de East Boston. Trata-se do Centro do Trabalhador Brasileiro, sediado em uma das salas do prédio do Serviço Social de East Boston desde 2004, e antes disso em uma igreja católica da região.⁹ A gênese desse Centro vem da atuação de uma brasileira migrante que hoje está de volta ao Brasil, mas que, em 1995, quando fiz a pesquisa, era uma pessoa muito atuante na área de East Boston. Na época ela era vinculada a um Conselho Ecumênico da Comunidade de East Boston e foi lá que começou sua atuação voltada para os brasileiros. O Centro do Trabalhador Brasileiro foi criado em 2000 por essa migrante e um norte-americano de Cambridge, com a ajuda da Igreja Católica, tendo então o nome de Ana da Hora Work Center. Em 2002, mudou para a denominação atual.

Assim como o de Allston, esse Centro também é mantido principalmente por fundações norte-americanas e secundariamente pelos recursos das aulas de inglês; funciona com um *staff* fixo (nesse caso, somente o diretor executivo em tempo integral e uma secretária em tempo parcial) e um Conselho de Diretores que se reúne regularmente. Aliás, as atividades dos dois Centros são muito semelhantes, atendendo prioritariamente a demandas trabalhistas e mantendo cursos de inglês que procuram principalmente preparar o trabalhador para as situações cotidianas no trabalho. Ambos têm alguma aproximação com os sindicatos, sobretudo o de Limpeza, que hoje possui mais de mil brasileiros associados, e o de Pintores. Outras atividades comuns não somente a esses Centros, mas também ao Grupo Mulher Brasileira, são as palestras sobre assuntos de interesse da comunidade (com destaque para o tema da imigração) e a participação em campanhas – em geral realizadas em conjuntos com outros grupos imigrantes – pela legalização, por carteira de motorista, pelo acesso à escola e outras.

O fator que diferencia aqueles dois centros de objetivos tão semelhantes é menos a abrangência e o tamanho – o que favorece mais o Centro do Imigrante Brasileiro, até por ser cinco anos mais antigo do que o outro – do que algumas outras características de sua atuação, que têm a ver em parte com a trajetória de seus dois dirigentes. O diretor executivo do Centro de Allston saiu do Brasil (Espírito Santo) com o segundo grau completo, e, nos Estados Unidos, trabalhou como imigrante ilegal em serviços não qualificados até conseguir recursos para o Centro que pudessem mantê-lo por tempo integral. Sua esposa ainda trabalha como faxineira em Boston. Já o diretor executivo do Centro de East Boston é administrador de empresas formado em São Paulo, está em Boston há cinco anos, veio

como turista para estudar inglês, tornando-se voluntário do Centro logo que chegou, em 2000. Depois disso voltou ao Brasil, providenciou a documentação e retornou, em 2001, tornando-se diretor executivo, em 2002. Voltou novamente ao Brasil, casou-se e trouxe a esposa, que é formada em Letras na USP e dá aulas de português para norte-americanos. O primeiro tem uma postura de militância, de missão a cumprir, enquanto o segundo possui a frieza de um profissional. Contudo, isso explica pouco o porquê das diferenças. Esse assunto será retomado na conclusão do artigo.

Esse texto não abrange todas as organizações de brasileiros imigrantes em Boston, que são em maior número do que as aqui mencionadas. Foram abordadas tão somente aquelas com as quais tive oportunidade de manter contato e que me forneceram subsídios suficientes para as conclusões a seguir. Porém, antes de chegar às conclusões, vale fazer ainda rápidos comentários sobre algumas outras organizações. A MAPS, que foi citada anteriormente, é um caso interessante, pois trata-se de uma organização antiga, sediada inicialmente em Somerville para atender aos imigrantes portugueses, cuja migração é antiga em Boston, oferecendo vários serviços de assistência social. Quando começaram a chegar os imigrantes brasileiros, a MAPS, além de mudar de nome para poder abranger também os brasileiros, foi estendendo cada vez mais sua atuação para esses *newcomers*, contratando inclusive brasileiros para essa finalidade. Hoje a entidade ainda presta serviços aos portugueses, entretanto, como seu público beneficiário e os funcionários são principalmente brasileiros – e em grande quantidade –, a agência já tem quatro sedes na região metropolitana de Boston.

Entre as organizações dos imigrantes brasileiros, existem algumas que são especialmente voltadas para atividades culturais. É o caso do grupo de Capoeira fundado pelo baiano Deraldo, em Cambridge, e de um teatro financiado pela TAM. Quem for nas férias de verão a Harvard Square (o movimentado centro daquela cidade tão universitária), verá que, entre as várias *performances* e shows que ali se apresentam ao ar livre para deleite dos passantes, tem sempre um grupo de capoeira, que é hoje uma das marcas culturais do Brasil pelo mundo afora. Recentemente, quando esteve em Boston para um diálogo com a comunidade brasileira, o ministro da Cultura Gilberto Gil propôs que um Ponto de Cultura fosse montado no Grupo de Capoeira de Deraldo. Essa proposta foi criticada por um de meus entrevistados, que trabalha como diretor de pesquisa da Prefeitura de Boston, pelo fato de

o ministro não ter entrado em contato com a Prefeitura para planejar melhor esse Ponto de Cultura de Boston.

Um horizonte que se vislumbra para a expansão das atividades culturais e organizativas da comunidade brasileira em Boston é uma proposta que está em estudo e que foi discutida no recente encontro de lideranças. Trata-se da disponibilização de um prédio, atualmente pertencente a uma escola da Paróquia de Santo Antônio que está sendo desativada, para atividades da comunidade brasileira. A idéia inicial é que se juntem lá organizações, como o Grupo Mulher Brasileira, o Centro do Imigrante Brasileiro, o Grupo de Capoeira de Deraldo, e aos poucos o espaço seja transformado também em um Centro Cultural Brasileiro. Isso implica arcar mensalmente com os custos do aluguel de um prédio que vale 30 milhões de dólares, chegar a um entendimento entre os possíveis ocupantes do prédio e realizar uma programação cultural que suporte parte das despesas. Será que os grupos organizados dos brasileiros imigrantes em Boston já estão preparados para esse desafio?

CONCLUSÃO

Uma leitura da descrição feita até aqui dos grupos organizados – ou, em outros termos, das Organizações Não-Governamentais – de brasileiros imigrantes em Boston mostra, ou pelo menos indica, alguns detalhes que podem dar subsídios para responder à pergunta colocada no final do parágrafo anterior. Até agora os brasileiros têm dado passos importantes na sua organização. Em Framingham, pela dimensão muito mais reduzida da cidade em comparação com Boston, há alguns anos eles já deixaram de ser uma população invisível,¹⁰ a ponto de começar a despertar reações anti-imigrantes. Em Boston, eles se destacam sobretudo nos bairros de Allston e East Boston, mas isso não desencadeou as conseqüências vistas em Framingham. Alguns grupos conversam entre si, como é o caso do Grupo Mulher Brasileira, do Centro do Imigrante Brasileiro e da MAPS. Há porém uma grande distância deles em relação aos grupos de Framingham, cuja dinâmica é muito mais circunscrita à chamada região Metrowest.¹¹ Porém, mesmo em Boston, os grupos de Allston têm uma relação muito tênue com os de East Boston.

Seguramente, não é apenas a localização espacial que está marcando essas fronteiras e tampouco a origem social de seus dirigentes, tal como poderia parecer à primeira vista na descrição feita na sessão anterior sobre os Centro do Imigrante Brasileiro, em Allston, e do Centro

do Trabalhador Brasileiro, em East Boston. A entrevista com o diretor de pesquisa da prefeitura de Boston deu pistas para uma possível interpretação. Tudo indica que essas fronteiras têm a ver, principalmente, com uma bagagem cultural que os brasileiros levaram consigo do Brasil e reproduzem lá fora nas suas organizações. Aqui no Brasil existe uma tradição muito arraigada dos grupos da sociedade civil se organizarem politicamente, com objetivos de mudanças estruturais freqüentemente inalcançáveis em curto prazo. Já nos Estados Unidos, a tradição é de as organizações sem fins lucrativos se voltarem unicamente para a prestação de serviços, sem nenhum conteúdo político. A MAPS, por exemplo, cuja expansão tem sido notável em Boston, tem essa visão muito clara e vem conseguindo apoio do governo norte-americano e das diversas fundações que lhe dão suporte financeiro.

Por sua vez, as associações fundadas por brasileiros, se, por um lado, têm um nível de organização política invejável, tendo conseguido inclusive motivar a ida de três ministros do governo Lula para debater os problemas da comunidade, por outro, são muito frágeis no sentido da obtenção dos recursos financeiros disponíveis no governo e nas fundações norte-americanas, exatamente pela dificuldade de se organizarem em termos de prestação de serviços. Isso talvez explique a impressão que me ficou do encontro de lideranças e das entrevistas: é como se houvesse um certo hiato entre a comunidade dos imigrantes brasileiros que estão na labuta diária de um trabalho duro, construindo sua auto-imagem de povo trabalhador, e a “comunidade dos líderes”. A primeira pode até se organizar, porém, quando o faz é mais freqüentemente pelas igrejas. Estas sim têm uma ampla base de apoio nos grupos comunitários que organizam e pelos serviços que prestam, oferecidos sobretudo pelas igrejas evangélicas.

Os estudantes brasileiros às vezes se entusiasmam quando assistem às reuniões das lideranças e se propõem a ajudar a comunidade. No fundo, o que os entusiasma é compartilhar do clima de mobilização política, que em geral se acirra em momentos de campanhas por alguma reivindicação, como a legalização, a anistia, em que os líderes brasileiros, às vezes com uma base social muito menos sólida do que outros grupos imigrantes, se colocam à frente das lutas, exatamente por causa dessa bagagem que levaram consigo do Brasil.

Líderes sem base? Já ouvi por mais de uma vez um dos mais articulados membros desse grupo de líderes afirmar que ele não se considera líder porque não tem uma base, quase como uma autocrítica e uma chamada para a cons-

ciência dessa situação por parte dos demais. Essas lideranças formam uma espécie de classe média lá, distanciada da classe que no Brasil era média e lá vira classe trabalhadora. E, nos Estados Unidos, é essa classe trabalhadora que tem legitimidade para abrir uma organização não-governamental de imigrantes e não a classe média politizada. Daí o porquê dessa pessoa, que não se considera líder por não ter uma base na comunidade, sabiamente, ter buscado o Centro do Imigrante Brasileiro. O diretor executivo desse Centro também comunga do sentido político da organização, mas, ao mesmo tempo, pela sua profunda identidade com os trabalhadores e com a igreja Evangélica, consegue fazer a transição do político para o social e isso é o segredo do sucesso do Centro por ele dirigido.

A classe média politizada, que é constituída pelos chamados líderes, no decorrer desses últimos dez anos, vem se articulando não apenas entre si nas suas próprias reuniões e mobilizações políticas, como também na órbita do Consulado brasileiro de Boston. A atuação do consulado foi diferente segundo os quatro cônsules que estiveram (ou do que está atualmente) à sua frente. O primeiro teve uma atuação pouco destacada e o vice-cônsul era a pessoa mais ativa, que inclusive antecipou a proposta do Consulado Itinerante quando ia às localidades mais distantes, sobretudo Framingham, para atender a demandas da comunidade. Foi daí que nasceu seu vínculo com aquela cidade, que o levou à proposta da criação do Conselho de Cidades Irmãs com Santa Luzia. O segundo cônsul institucionalizou a proposta do Itamaraty de criação do Consulado Itinerante e do Conselho de Cidadãos. Foi com ele que se iniciou um contato mais direto com os líderes de comunidade, o que teve continuidade e foi aprofundado com o terceiro cônsul. Este tinha duas pessoas no próprio Consulado que eram mais diretamente vinculadas à comunidade dos líderes, participando de suas reuniões e, às vezes, de manifestações políticas. Já o último cônsul é muito criticado pelas lideranças politizadas, por ter adotado uma postura de afastamento em relação à comunidade dos líderes e dado prioridade à eficiência no trabalho de emissão de documentos, enquanto, pelas lideranças menos politizadas e com um trabalho adstrito à prestação de serviços, ele é bem aceito. A insatisfação da classe média politizada atual talvez se explique, em parte, pelo fato desta ter tido nos Consulados anteriores uma forma de reconhecimento, que se manifestava inclusive socialmente nos eventos festivos promovidos pelo Consulado, para os quais era convidada, o que deixou de acontecer desde 2004, quando o novo cônsul assumiu suas funções.

Voltando à pergunta colocada anteriormente, se os brasileiros estão preparados para enfrentar o desafio de arcar com um Centro Cultural que abrigue várias atividades e tenha uma presença física marcada no espaço territorial de Boston, acredito que estão a caminho disso e só chegarão lá à medida que enfrentarem o próprio desafio. Esse prédio pode justamente dar uma oportunidade de ouro para um aprendizado importante para os líderes comunitários brasileiros, que é a de se organizarem para uma atuação nas áreas de prestação de serviços, fundamental para lhes propiciar recursos financeiros e alargar sua base de apoio. Fazer isso sem perder o lado combativo da luta política que levaram na bagagem do Brasil talvez seja a síntese que dará a marca das organizações brasileiras nos próximos dez anos.

NOTAS

1. Em 1993, foi feito um banco de dados com notícias da imprensa nacional e norte-americana e constatou-se que dois terços das informações da imprensa brasileira sinalizavam para fatores negativos, como ilegalidade, discriminação e criminalidade. Já na imprensa norte-americana, as notícias relativas aos brasileiros apontavam, predominantemente, fatores positivos, como o espírito empreendedor do imigrante brasileiro, casos de sucesso e a reconstrução de centros de cidade decaídos.
2. Em minha mais recente investigação, fiquei sabendo que essa Associação foi fechada há alguns anos.
3. Essa ajuda foi possível porque a atual presidente da *Bramas* está desde agosto de 2005 vinculada como *fellow* ao *Center for Reflective Community Practice* do *Massachusetts Institute of Technology* – MIT. Foi selecionada para esse Centro não por causa de sua atuação na comunidade brasileira em Framingham, mas sim por um outro trabalho que vem desenvolvendo há alguns anos com uma comunidade de reneiras na região agreste de Pernambuco.
4. Dados retirados do *site* de Framingham.
5. Dados da jornalista Liz Mineo para o jornal *Metrowest Daily News* em 23 de novembro de 2003.
6. Framingham faz parte de uma área geográfica delimitada por fatores mais econômicos do que políticos, na qual a cidade possui posição de liderança, chamada *The South Middlesex Region*, ou simplesmente *Metrowest*.
7. Um fato curioso nessa lista amarela é que ela pode servir como uma indicação grosseira da presença de negócios de brasileiros nos Estados Unidos (e mais grosseiramente ainda dos próprios brasileiros). Massachusetts lidera de longe o número de páginas na lista (24), seguido pelos estados da Flórida e New Jersey (16 cada um), depois Connecticut (11), New York (8), Califórnia (6) e finalmente Georgia e Pennsylvania (4 cada um).
8. Esses estabelecimentos compreendem: dois açougues; três escritórios de advogados; uma agência de publicidade; uma agência de viagem; duas lojas de computadores e assistência técnica a computador; quatro revendedoras e oficinas de automóvel; quatro butikues; uma loja de carpete; uma loja de CD e vídeo; quatro escritórios de contadores; três consultórios de dentistas; dois salões de estética; uma loja de

filmagem; uma financeira; duas floriculturas; duas lojas de fotografos; uma gráfica; uma imobiliária; uma imprensa; quatro joalherias; cinco consultórios de médicos; uma loja de mudanças; quatro padarias e confeitarias; duas lojas de perfumes; duas pizzarias; um posto de gasolina; duas lojas de produtos brasileiros; um consultório de fisioterapia e quiropraxia; três lojas de remessas; dois restaurantes; seis salões de beleza; uma loja de vídeo-produção.

9. Por causa dos escândalos de pedofilia, a igreja teve que pagar muitas indenizações e por isso fechou várias igrejas, inclusive aquela onde estava sediado o Centro.

10. Sobre isso, vale lembrar Maxine Margolis (1994), que se referia aos imigrantes brasileiros de Nova York como uma população invisível.

11. Sobre essa região, ver nota 6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSTON GLOBE. Boston, 11 Dez. 1994.

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 5 maio 2005. Folha Mundo.

HALTER, M. (Ed.). *New migrants in the Marketplace*: Boston, Ethnic Entrepreneus. Amherst: University of Massachusetts Press, 1995.

MARGOLIS, M. *Little Brazil*: imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papyrus, 1994.

METROWEST DAILY NEWS, 23 Nov. 2003.

O ESTADO DE S.PAULO. São Paulo, 20 mar. 2005. Cad. Aliás.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Brasil migrante, Brasil clandestino. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 8, n. 1, p. 107-115, jan./mar. 1994.

SALES, T.; LOUREIRO, M. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 21, n. 2, jul./dez. 2004.

TERESA SALES: Socióloga, Professora Livre-Docente e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População da Unicamp.

Artigo recebido em 29 de julho de 2005.

Artigo aprovado em 12 de setembro de 2005.